

AVALIAÇÃO TÉCNICA DAS PROVAS DE VAQUEJADA

Introdução

De acordo com o historiador Câmara Cascudo, por volta de 1810 ainda não existia a vaquejada, mas já se tinha conhecimento de uma atividade semelhante a esse tipo de competição. Era a derrubada de vara de ferrão, praticada em Portugal e na Espanha, em que o peão utilizava uma vara para pegar o boi.

Mas, a disputa propriamente dita (derrubar o boi pelo rabo) é nordestina, com raízes na região do Seridó, interior do Rio Grande do Norte. No passado não existiam limites com cercas nas diferentes propriedades rurais do nordeste, em especial no Rio Grande do Norte e as práticas de lida e manejo eram feitas a campo, sem locais definidos. Assim, a derrubada dos animais representava o único recurso disponível para a sua contenção, dada a ausência de locais apropriados com troncos, seringas ou bretes. Os melhores vaqueiros eram os responsáveis pelas derrubadas e em finais de semana relembavam seus feitos repetindo tais práticas nos vilarejos e colônias. Com o tempo, a prática das vaquejadas como espetáculo passou a ser efetuada segundo vários regramentos objetivando-se a diminuição ou eliminação de procedimentos de risco para o ser humano e de crueldade para com os animais.

Entretanto, mesmo assim o potencial de valorização do vaqueiro na condução do cavalo e derrubada do boi tido como objeto de domínio e de subjugação se mantém. Nesta prática se busca o cavalo mais domado, rápido, resistente, forte e ágil para que no menor espaço de tempo possa conduzir o vaqueiro a seu intento, que é o de derrubar o animal pela cauda.

Levando-se em conta o porte e o peso médio dos bovinos, já é de se supor a violência do procedimento de sua derrubada, tendo-se como único ponto de abordagem, sua cauda. O que faria um bovino ceder à sua derrubada, quando alguém maneja a sua cauda, com essa finalidade? Parece claro e óbvio que cede pela dor!

Na década de 90, a disputa passa a ser encarada como um negócio.

Diversos segmentos foram então se atrelando ao espetáculo. Surgiram, assim, promotores de eventos, músicos e atividades comerciais ligadas a animais e fazendas, as churrascarias e o comércio de bebidas, entre outros, sendo hoje um mercado altamente visado, de grandes investidores e, dessa maneira, os organizadores começam a cobrar pelo ingresso e participação de peões e do público. O vaqueiro passou a ser reconhecido como “atleta”, o que contribuiu para a vaquejada ser vista como um esporte, tendo sido regulamentado por um projeto de lei do Congresso Nacional de 1998.

Atualmente as festas de mourões, como são também chamadas as vaquejadas, são competições milionárias. O vaqueiro de hoje pertence à classe dominante da sociedade, formada por grandes empresários e a senha para

concorrer é caríssima. A região de renda per capita mais baixa do país elitizou esse esporte.

Hoje existem duas categorias, profissional e amadora. (Revista da Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Quarto de Milha nº 166 - retrospectiva 2005).

A partir do documento legal lei federal nº 10519 de 2002 , passou-se a considerar essa atividade esportiva importante para a econômica, o turismo e a cultura.

O recinto

O piso do recinto é de terra e/ou areia. Ao redor de todo recinto/arena existem arquibancadas onde se acomoda o público para acompanhamento das provas. Normalmente são utilizados equipamentos eletrônicos com alto-falantes de grande potencia, alternando-se narrativas de provas e músicas em volumes extremamente elevados.

Considerações Iniciais

Quando se utilizam animais para outras atividades que não aquelas compatíveis com o repertório de comportamento natural à cada espécie, afrontando-se a sua estrutura ósteo-muscular, o seu temperamento, as suas características de movimentação, enfim, toda a sua organização anatômica e suas peculiaridades funcionais, é esperada a ocorrência de lesões físicas nesses indivíduos, temporárias ou permanentes, dependendo da intensidade e frequência das injúrias a que são submetidos. Igualmente é compreensível a ocorrência de sofrimento mental, nesses animais, uma vez que se acham sob condições de constrangimento, de perseguição e de subjugação.

Tais situações, que o animal vivencia repetidamente, durante treinamentos e provas, com dor física e sofrimento mental, podem levá-lo a quadros de estresse que comprometem severamente seu metabolismo. Isso pode resultar em alterações de comportamento, com quadro de neurose. Também não está fora de cogitação, na ocorrência de lesões orgânicas graves, acompanhadas de vivência de sofrimento mental, a possibilidade de o animal vir a óbito.

É fato conhecido pelas leis da física que forças aplicadas em sentidos contrários, em determinado espaço de tempo e determinada intensidade, em objetos ou corpos diversos, criam uma resultante de força e energia, que dependendo dos materiais envolvidos levam a sérios danos nos mesmos. Estes princípios podem ser muito bem empregados, quando buscamos avaliar os *potenciais riscos de lesão e de vida* a que são submetidos especialmente os bovinos envolvidos em eventos de Vaquejada, o que também é válido para todo tipo de procedimento que subjugue, quer sejam animais de outras espécies, quer seja o próprio ser humano, a situações de grande sollicitação física.

Animais são seres sencientes ou seja, tem capacidade de fruir sensações de alegria / felicidade e de dor / sofrimento. São também seres inteligentes, o que a ciência tem demonstrado metodologicamente em grande número de pesquisas, nas últimas décadas. A exemplo, pode-se citar “O Parente Mais Próximo”, de Roger Fouts, 1998; “The Pré-Frontal Cortex”, de J.M.Fuster, 1989; “Animal Minds”, de Donald Griffin, 1994; “Os Animais tem Alma?”, de I.L.S.Prada, 1989, entre outros. Portanto, os animais não são simples “coisas”, não são máquinas cartesianas que se movimentam unicamente por automatismos e instintos, como se supôs durante mais de três séculos e ainda assim o supõem, as pessoas desinformadas. Esta equivocada postura vem de René Descartes, filósofo francês do século XVII. Por influência religiosa, admitia que a sensibilidade, atributo da alma, somente poderia existir nos seres humanos, uma vez que apenas os seres humanos possuíam alma. Conseqüentemente, todos os outros seres vivos eram vistos como incapazes de sentirem dor, de sofrerem ou de “sentirem” qualquer tipo de sensação e de sentimento. Descartes, recomendava mesmo que se interpretassem uivos e lamentos dos animais, como simples automatismos da “máquina”, similares aos ruídos de uma roda de carroça em movimento. Este conceito cartesiano a respeito dos animais difundiu-se nas mentes humanas de maneira muito conveniente para a prática, sem culpa e sem responsabilidade, da subjugação e da exploração incoseqüente dos animais. Tal estratégia é empregada para o exercício do poder, para as atitudes de mando e de desmando, tão próprias daqueles que se colocam acima do bem e do mal, como “donos do mundo”. Dispor dos animais a seu arbítrio, como “coisas” disponíveis, passou a ser um procedimento altamente vantajoso para o ser humano, em todos os aspectos, menos no ético.

Hoje se sabe que a dor nos animais é tão presente quanto no homem. As chamadas “vias neurais da dor”, ou seja, o conjunto das estruturas nervosas pelas quais caminham os estímulos produtores da sensação de dor/sofrimento, tem equivalência entre seres humanos e animais, particularmente mamíferos (PRADA e al., 2002). Também hoje é fato reconhecido pela ciência, que muitas espécies animais (entre as quais os bovinos) tem estrutura cerebral complexa, o que espelha sua correspondente dimensão mental ou psíquica (Prada, 1997).

Vale ressaltar que a similaridade de estruturação orgânica entre seres humanos e animais tem representado, nos últimos 200 anos, o argumento de que se valem cientistas para a utilização de animais em pesquisas, inclusive no relativo à avaliação dos limiares de dor (avaliada em animais como referência para o que se passa com o ser humano) e da capacidade antiálgica e anestésica de fármacos. Os animais também são utilizados pelos pesquisadores como modelos para o estabelecimento de protocolos em cirurgias e em todas as formas de testes de controle de medicamentos, entre muitos outros procedimentos. Surge como inevitável a seguinte pergunta: “Se os animais tem similaridade orgânica com o ser humano, a ponto de serem utilizados como modelo experimental a serviço do bem-estar humano, se a ciência tem demonstrado metodologicamente que esses mesmos animais são seres sensíveis, que sentem e que sofrem, por que razão sua capacidade de sofrimento e seu direito à própria vida não são respeitados?”

Como já disse alguém, que inteligência ou que espécie de qualquer outro atributo terão de demonstrar até que seu “sacrifício” ou os procedimentos cruéis e de maus tratos a que são submetidos, sejam considerados crimes?”

Talvez precisemos ficar alertas para o fato de que, apesar das similaridades aludidas, a maneira como a manifestação comportamental da dor e do sofrimento acontece, é diferente nas várias espécies animais, com peculiaridades inerentes mesmo a cada indivíduo.

Para demonstrar a possibilidade de ocorrência de dor/sofrimento nos bovinos submetidos às provas de vaquejada, buscaremos particularizar alguns pontos e regiões orgânicas, mais sujeitas potencialmente a lesões, o que poderá ser muito bem exemplificado com as imagens dos vídeos e fotos em anexo.

Muitas questões, esperamos, sejam aqui aclaradas demonstrando que os animais utilizados em provas de vaquejada, *são sim submetidos a maus tratos, sofrimentos e abusos*, o que não se restringe aos poucos minutos das provas em que são utilizados, mas também a todo o período de treinamento a que são submetidos para os condicionamentos necessários à realização das provas. De fato, para atender critérios e normas regulamentares, os peões/vaqueiros se vêem obrigados a cumprir a prova dentro de um curto espaço de tempo, e em espaço físico restrito, o que demanda repetição intensiva dos procedimentos, nos períodos de treinamento. Portanto, é fundamental que também se avalie e analise o processo do ponto de vista mental e físico, não apenas na arena, mas também nas etapas que contemplam o antes e o depois.

Esclarecemos ainda, que o termo estresse, empregado nessa avaliação técnica significa: “conjunto de alterações emocionais, comportamentais e físicas em um indivíduo submetido a um estímulo nocivo, seja este estímulo físico e/ou mental”.

Possibilidades de ocorrência de lesões físicas e de vivência de dor/sofrimento antes, durante e após o evento da vaquejada

Os comentários a serem feitos obedecerão sequencialmente as diferentes etapas do evento.

OBSERVAÇÃO: A repetição dos procedimentos a que são submetidos os animais, o que acontece particularmente durante os treinamentos, potencializa a ocorrência dos eventuais danos que serão mencionados.

1. Quando o bovino ainda se encontra no brete:

Estando ainda no brete, o animal pode ser contido e tracionado pela cauda. Os movimentos bruscos que o peão eventualmente realiza em relação à cauda do

animal, para “estimula-lo”, objetivando que o animal saia em disparada após a abertura da porta frontal, podem causar uma série de lesões semelhantes às que ocorrem na arena, durante a dominação do bovino, pela cauda, e sua conseqüente derrubada. Faremos especial referência a elas, oportunamente.

O animal, durante o tempo em que fica no brete, é ainda por vezes “estimulado” de outras formas com chutes, cutucões e também eventualmente com choques elétricos para que saia em disparada em direção à arena, assim que a porta frontal seja aberta. Diferentes estímulos negativos podem ser aplicados aos animais neste momento para que assim que possível ou seja com a abertura da porta o animal busque de forma contundente fugir destes estímulos.

Alem dos sofrimentos físicos que podem resultar desses procedimentos, os animais também podem entrar na vivência de sofrimento mental ou psíquico, pois é incontestável a situação de constrangimento, de subjugação e de maus tratos a que se acham submetidos.

Os animais normalmente permanecem por período variável de tempo em espaço restrito aguardando o momento de adentrar a arena para realização da prova. Os animais normalmente viajam de regiões de distancia variável em caminhões que normalmente fazem transporte de animais para abatedouros, permanecendo por período determinado de tempo embarcados, não recebendo água ou alimentação durante o transporte e sendo submetidos ao stress do contato próximo por horas seguidas com outros bovinos, movimentação anormal pelo deslocamento do veiculo e o constante esforço para se manter em pé e estático por horas seguidas. Em diretrizes internacionais para o transporte de bovinos recomenda-se que o transporte não ultrapasse 8 horas de viagem continua sem a administração de água alimento e desembarque dos animais para período de descanso, buscando atender desta forma necessidades básicas orgânicas dos animais e melhorando seu bem estar. No Brasil não existem normas regulamentadoras á esse respeito.

É importante lembrar que durante todas as etapas da prova, desde o confinamento, preparo e a prova em si, o bovino encontra-se assustado pela situação inusitada a que se acha submetido, tanto que corre em disparada, na arena, tentando fugir a seus perseguidores. Todo o ambiente do entorno com luzes, sons e ruídos diversos em decibéis altíssimos, favorece a situação estressante a que o animal é submetido do ponto de vista físico e emocional. Alem do grande esforço físico que despense durante sua perseguição, está, portanto, indubitavelmente, em vigência também de sofrimento mental ou psíquico, o animal alvo da prova.

2. Quando o bovino é liberado na arena, o desenvolvimento da prova:

A prova se inicia com dois peões/vaqueiros e um bovino que, tendo saído do brete em disparada, pelos estímulos a que é submetido, é perseguido pelos dois

cavaleiros que correm paralelamente entre si e lateralmente ao animal, um de cada lado.

Um dos cavaleiros é o passador / estereiro que “recolhe” a cauda do animal e a repassa para o outro cavaleiro/peão.

Este deve derrubar o animal, em uma área demarcada no solo. Para tanto, muda rapidamente a direção do percurso do equino que monta, quantas vezes for necessário e faz também com que o cavalo acelere, adiante, dispare ou pare abruptamente, segundo sua conveniência. No momento de abordar o bovino, joga o seu corpo lateralmente ao cavalo para ter condições de agarrar a cauda do bovino e manobra-la de maneira a promover a derrubada do animal, o que consegue através de forte tração da cauda que está segura em sua mão, seguida de torção.

Como já foi dito, a derrubada do animal deve ocorrer entre duas linhas marcadas no chão, expondo lateralmente a face ventral de seu tronco, regras essas que sujeitam ainda mais o bovino a forte tração e torção de sua cauda, para que caia no espaço desejado pelo peão e de maneira adequada.

O peão/vaqueiro que passa a cauda para o companheiro, vai por todo o percurso encurralando o animal contra o outro cavaleiro para facilitar seu desequilíbrio e conseqüente queda, a ser promovida, mediante tração e torção da cauda, pelo peão que disputa a prova. Este peão/vaqueiro terá a obrigatoriedade de realizar a saiada ou mucica (varia a designação, dependendo da região), isto é, desequilibrar o boi, segurando-o pela cauda, e derrubando-o dentro da área demarcada.

3. Lesões

No momento em que o passador apreende a cauda do boi, este animal se encontra correndo em velocidade, na tentativa de escapar da perseguição a que se acha submetido.

Quando o peão responsável pela derrubada alcança a cauda do animal, imediatamente exerce sobre ela uma violenta tração, ocorrendo um hiper-estiramento da cauda, região esta de anatomia frágil e onde se concentram estruturas anatômicas importantes sujeitas, neste momento, a uma série de lesões. Essas lesões poderão incluir sub-luxação, luxação (com conseqüente lesão dos correspondentes discos inter-vertebrais) e fratura única ou múltipla das vértebras coccígeas ou caudais, o que sempre se fará acompanhar de derrame sanguíneo subcutâneo, pela ruptura de vasos em conseqüência ao estiramento e torção da cauda. Esse derrame sanguíneo quase sempre não é percebido, isto é, não se vê sangue escorrendo da cauda do animal, uma vez que, apesar de o sangue ter extravasado para fora dos vasos sanguíneos rompidos, ele é contido pela pele. Ele se torna visível apenas quando a pele também se rompe, o que acontece, por exemplo, nos casos lamentáveis em que a cauda é “arrancada” de sua inserção no tronco do animal. Esse fato tem relato na publicação VAQUEJADAS do PASSADO por Evandro Araújo Branco no capítulo O boi Inspetor pg 119 onde o autor diz” Eles acharam que o boi não estava preparado porque não conhecia a pista, por isso botaram-no pela segunda vez, mas eu

montei Pecado e fiz uma corrida muito boa.. Infelizmente houve uma fatalidade, pois arranquei toda a cauda do boi Inspetor e o mesmo ficou desmoralizado e inutilizado para correr, assim acabou a fama do “Espetor”.

Entretanto, mesmo não sendo visível o sangue, na ocorrência de rompimento de vasos, uma observação mais acurada irá constatar um ou mais aumentos de volume em determinadas regiões da cauda, o que indica a formação de um ou mais hematomas (coleções de sangue, localizadas) resultantes do derramamento de sangue ocorrido.

As lesões da cauda, estabelecidas pela sua tração/estiramento/torção também podem incluir a ruptura de ligamentos (estruturas orgânicas fibrosas) que unem as vértebras coccígeas ou caudais entre si, o que se desdobra em subluxação e luxação de vértebras caudais e ruptura de vasos sanguíneos.

Para se ter uma idéia a respeito da organização anatômica da coluna vertebral dos bovinos, particularmente em relação à cauda, vamos observar as figuras 26-1, 35-1, 35-2 e 35-3 , constantes do Tratado Anatomia dos Animais Domésticos, de Robert Getty, 1981.

A primeira figura (26-1) mostra o esqueleto (conjunto de ossos de um organismo) de um bovino e chamamos atenção para a sequência dos ossos formadores da coluna vertebral, as vértebras. O segmento indicado com a letra “K” corresponde ao osso sacro, constituído pela fusão das vértebras sacrais. A fusão dessas várias vértebras em um único osso tem uma razão de ordem funcional que é a de constituir, juntamente com os ossos da bacia ou pelve, um arcabouço de sustentação para as vértebras lombares, que se encontram cranialmente (lado voltado para a cabeça) a ele e à cauda, que se encontra caudalmente (lado voltado para a cauda) a ele. O osso sacro se articula, portanto, cranialmente com a última vértebra lombar e caudalmente com a primeira vértebra caudal ou coccígea, indicada na figura com “1S”. Segundo Getty (1981), em um bovino de porte médio, o osso sacro tem em média 25 cm de comprimento e o conjunto das vértebras caudais, em número de 16 a 21, atinge cerca de 75 cm. Entre as vértebras existe uma estrutura fibro-cartilágnea, os discos intervertebrais.

Apenas analisando-se esta figura, entende-se perfeitamente a grave injúria a que é submetida principalmente a região de inserção da cauda no tronco, na parte óssea representada pela articulação da primeira vértebra caudal com o osso sacro. Esta articulação tem, de um lado (cranialmente), o osso sacro ligado à estrutura de todo o corpo do animal, cujo peso médio é em torno de 250 a 300 kg.

De outra parte, caudalmente, tem a força do peão que provoca estiramento e torção da cauda do animal. Com esse procedimento é praticamente inevitável uma luxação (perda de contato das superfícies articulares) dessa articulação, com todas as conseqüências em relação às chamadas “partes moles”, ou seja, ruptura de ligamentos, do disco inter-vertebral, de vasos sanguíneos, da pele e também, de estruturas nervosas.

Vamos entender como pode acontecer: As figuras 35-1 e 35-2 mostram, em vista dorsal, como a medula espinal se acomoda no canal vertebral, formado pela seqüência dos arcos vertebrais, que são expansões dos corpos vertebrais, em lâmina, bilateralmente e que, fundindo-se dorsalmente, possibilitam, em conjunto, a formação desse canal. Vamos focalizar, mais detalhadamente, a porção mais inferior da figura 35-2. Nela percebemos que a extremidade caudal da medula espinal apresenta-se em cone chegando, o vértice desse cone, até a porção média do osso sacro. Toda a medula espinal é conectada a pares de nervos. Por exemplo, na figura 35-2 o número 3 indica o sexto nervo espinal lombar. Vamos observar, comparando os detalhes apresentados na figura 35-3, que desde o final da região lombar até o vértice do cone medular, a medula espinal encontra-se rodeada de um grande número de filetes nervosos que irão compor os últimos nervos lombares, os nervos sacrais e os nervos caudais ou coccígeos, responsáveis pela inervação dos membros posteriores (pernas), da região caudal do tronco, dos órgãos pélvicos e da cauda. Quando se diseca essa região anatômica, tem-se uma imagem semelhante à de um rabo de cavalo, tal é a quantidade de filetes nervosos que rodeiam essa porção final da medula. Por esse motivo, essa formação é chamada de “cauda eqüina”. Para as pessoas que não são da área médico - veterinária, talvez seja importante lembrar que a “cauda eqüina” aqui focalizada existe em todas as espécies de mamíferos, inclusive no ser humano. Portanto, o adjetivo “eqüina” neste caso não se refere à espécie eqüina, mas à semelhança da formação nervosa que descrevemos, com a da cauda de um cavalo. Uma observação mais atenta das figuras 35-2 e 35-3 revelam-nos como esses filetes nervosos continuam percorrendo o canal vertebral, em direção caudal, invadindo a região correspondente às primeiras vértebras caudais ou coccígeas. Na figura 35-2, o número 4 indica exatamente o local da articulação entre o osso sacro e a primeira vértebra caudal, aspecto que em aumento maior pode ser visto também na figura 35-3.

Pela observação e análise dessas duas ultimas figuras, não será difícil chegar-se à conclusão que o estiramento e a torção da cauda do bovino, provocada com violência pelo peão, durante o espetáculo da vaquejada, inevitavelmente irá determinar o rompimento de muitos dos filetes nervosos que compõem a porção final da cauda eqüina e também não será difícil concluir-se que uma injúria dessa natureza e dessa gravidade, não pode deixar de ser acompanhada de muita dor.

Essas lesões todas, quando ocorrem mais próximo da região de implantação da cauda no tronco, podem resultar numa afecção denominada “Síndrome da Cauda Eqüina”, que é o comprometimento (por ruptura ou instalação de processo inflamatório e/ou infeccioso) das raízes dos últimos nervos lombares, dos nervos sacrais e dos nervos coccígeos que, conforme já referimos, se “inserir” na região mais caudal da medula espinal e que inervam a região caudal do tronco, os membros posteriores, a cauda e os órgãos contidos na pelve (reto, colo, bexiga urinária e alguns órgãos genitais). Nesse caso, há alteração ou perda de função das estruturas inervadas por esses nervos, além da ocorrência de dor intensa, na região comprometida.

Outras lesões podem ocorrer como fraturas, luxações, entorses em diferentes segmentos ósseos, especialmente nos membros devido a queda e forte impacto do animal ao solo. Fraturas de costelas também poderão ocorrer, sendo que em muitos casos poderá ocorrer a perfuração dos pulmões. Nesse caso, há prejuízo para a função respiratória, podendo-se observar diferentes graus de insuficiência respiratória e mesmo asfixia, com diminuição da capacidade de oxigenação dos tecidos orgânicos, ou colapso do pulmão, pode haver contusão pulmonar, hemorragia e pneumotórax e conseqüente perda da capacidade respiratória podendo o animal vir a óbito.

A musculatura e os tecidos cutâneos e subcutâneos de todo corpo do animal também podem ser lesados com contusões, formação de hematomas, estiramentos e ruptura de suas estruturas musculares e tendíneas.

Poderão também ocorrer ruptura de órgãos diversos como fígado, baço, rúmen, omaso, abomaso, bexiga, rins devido ao forte impacto ao solo, bem como hemorragias de grau variados, que poderão levar o animal á óbito em tempo variável após a prova dependendo da extensão do sangramento.

Ao cair o animal no solo e sendo arrastado, mesmo que por instantes, a pele da cabeça, do pescoço, da parede lateral do tronco e dos membros pode sofrer lesões diversas como escoriações por todo corpo do animal, equimoses, hematomas, queimaduras (por atrito), solução de continuidade e perda de tecido.

No episódio da queda, se o animal bater com a face lateral da cabeça, contra o solo, pode haver lesão do nervo facial, que inerva a musculatura da face, do que resulta paresia (paralisia parcial) ou paralisia temporária ou definitiva dessa musculatura.

Também o choque violento do animal, na queda em decúbito lateral pode determinar ocorrência de avulsão do plexo braquial e/ou paralisia do nervo radial, ou seja, esgarçamento dos nervos que emergem da medula espinhal para enervar os membros com conseqüente paresia e paralisia, particularmente da musculatura extensora da extremidade dos membros. Essa paralisia, resultante de avulsão, de modo geral é definitiva.

Em suma, a queda abrupta e violenta do bovino, no solo, pode acarretar no animal, as lesões que se seguem, relativamente a(o):

- Pele e Tecido Celular Subcutâneo - equimoses, hematomas, queimaduras (por atrito), solução de continuidade e perda de tecido.

- Coluna Vertebral – Sub-luxação, luxação e fratura de vértebras, com lesões conseqüentes, da medula espinhal e de raízes dos nervos espinais. Síndrome de Wobbler e Síndrome da Cauda Eqüina.

- Tórax - Fratura de costelas, contusão pulmonar, ruptura da parede do tórax com ocorrência de pneumo-tórax, colapso dos pulmões e conseqüente perda da capacidade respiratória;
- Musculatura do tronco e membros - Miopatia de captura (processo inflamatório dos músculos pelo estresse da captura), que pode ocorrer até 14 dias depois do episódio. Ruptura de ligamentos, tendões e de estruturas musculares.
- Inervação da cabeça e dos membros - Paralisia do nervo facial. Avulsão do plexo braquial e/ou paralisia do nervo radial.
- Membros - Sub-luxação e Luxação de peças articulares. Fraturas de segmentos ósseos. Paresia ou paralisia resultante da avulsão do plexo braquial e/ ou de lesão do nervo radial
- Cauda: hiperestiramento, compressão, deslocamento, luxação, fratura única ou múltipla das vértebras caudais, coccígeas, deslocamento, estiramento, ruptura ou arrancamento da cauda pelo excesso de força em um único ponto.
- Pele - derrame sanguíneo subcutâneo, pela ruptura de vasos, com formação de hematomas. Na queda ao solo, lesão de pele em todas as áreas de contato direto com o chão no momento do decúbito (derrames, equimoses, hematomas).
- Órgãos internos - ruptura (fígado, baço, bexiga, diferentes estômagos e rins) com conseqüente hemorragia interna

A médio e longo prazo podem surgir processos inflamatórios como conseqüência de derrames sanguíneos repetitivos que ocorrem nos animais que repetidamente são empregados em treinamentos ou provas. O próprio sangue age como agente irritativo causando focos de processo inflamatório, nos diferentes tecidos.

Avaliação de ações envolvidas na realização das provas:

Considerando as condições a que os animais são submetidos antes, durante e após a prova, esclarecemos que essas condições introduzem, de maneira abrupta e violenta, no repertório comportamental do animal, estímulos muito agressivos que geram alterações orgânicas, conforme comentários a seguir:

Há um aumento significativo de liberação de hormônios relacionados com o catabolismo (aumento da produção de energia). Esses hormônios causam

consumo de nutrientes de forma anômala levando a conseqüências tais como deficiência imunológica, distúrbios reprodutivos e digestivos.

Outra possibilidade é a ocorrência de “Miopatia de Captura”, afecção que pode acometer mamíferos e aves submetidos a um exercício intenso, uma atividade de extrema solicitação, desencadeando uma resposta inflamatória e edema muscular com a possibilidade de insuficiência renal aguda que pode surgir tardiamente em até 14 dias após o evento, podendo levar o animal à morte. Tal fato também ocorre em seres humanos.

O curto período de jejum a que são submetidos os animais, não é suficiente para o esvaziamento de seu trato digestivo podendo levar ao timpanismo (acúmulo de gases) com aumento da pressão intra-abdominal e conseqüente compressão no tórax, causando dificuldade respiratória, cólicas de intensidades variáveis e até ruptura dos órgãos se o animal não for tratado rapidamente, levando ao desfecho com óbito do animal.

É inegável a ocorrência de sofrimento mental ou psíquico nos animais que são submetidos a treinamentos e as provas de vaquejada, pois são submetidos a situações que não fazem parte do repertório comportamental é incitado a correr para fugir de seus perseguidores, é exposto na arena a perseguição e barulho, é submetido a traumas, amarrado, contido.....

Devemos considerar que a ocorrência de dor/sofrimento é provavelmente a conseqüência mais importante que pode levar o animal ao adoecimento que por vezes só ocorrerá algumas horas ou dias após o término do evento (prova). Também a vivência de dor/sofrimento pode persistir por mais tempo que os sinais clínicos, alterando comportamentos, criando vícios ou neuroses nos animais, o que pode persistir por toda a vida do animal. Assim, a observação do comportamento dos animais é fundamental na avaliação de seu bem – estar, pois dá indicações de como eles realmente se sentem.

Importante lembrar que os bovinos são animais de comportamento linfático, que necessitam de ambientes tranquilos para que suas características fisiológicas possam se expressar normalmente. É importante também lembrar que são animais de comportamento diurno, sendo portanto completamente inadequada sua utilização em eventos noturnos.

Segundo Paranhos da Costa, 1986 (Stress e Comportamento- In semana de Zootecnia, XI, FMVZ/ USP, Pirassununga, SP pg 65-72), os bovinos são animais gregários, sendo isso tão importante que os indivíduos que são mantidos isolados por determinado período de tempo se tornam estressados.

Considerações Finais:

O “por que? “ da existência dessa prova:

A primeira coisa que nos vem à mente, ao tratar deste assunto, é a seguinte: Que razões levam um ser humano a exhibir-se em uma arena, para outros seres humanos, em busca de aplausos, nas condições dessa prova? Ele dispõe, para isso, arbitrariamente, dos animais, os quais subjuga completamente num espetáculo de violência, de crueldade e de insensibilidade. A alegação de prática cultural contradiz a realidade de realização das provas na atualidade, uma vez que no passado tais atividades restringiam-se a atividades muito específicas, nas quais os animais em ambiente natural, por vezes se apresentavam embrenhados em matas de difícil acesso.

Essa postura de que os animais estão à nossa disposição, “para o que der e vier”, representa resquício de um *paradigma antropocêntrico* (do grego *antropos* = homem), emergente do século IV a.C., que visa apenas o bem-estar do homem, recomendando-se, mesmo, seus defensores, que a natureza seja explorada em seu benefício.

Acrescenta-se à expressão “*paradigma antropocêntrico*”, a partir do século XVII, o adjetivo “*mecanicista*”, uma vez que Descartes trouxe ao mundo a *concepção mecanicista* do universo e dos seres vivos, o que representou, sem dúvida, obra de genialidade. Entretanto, ainda sob a influência religiosa desse *paradigma*, Descartes injustiçou os animais ao fazer a seguinte consideração: “*como a sensibilidade é atributo da alma e somente os homens tem alma, os animais devem ser vistos como máquinas insensíveis*”. Dizem mesmo que interpretava os uivos, lamentos e gemidos dos cães, quando submetidos à chibata, por meros automatismos da “máquina”, similares aos chiados das rodas de carroça, quando submetidas a movimentação.

Mesmo que o ser humano se julgue “superior” aos animais, qual a validade do direito que ele se atribui sobre a vida e a capacidade de sofrimento dos outros seres?

Thomas Jefferson, responsável pela redação do princípio da igualdade dos homens na Declaração da Independência Americana, em carta a Henry Gregoire, em 25 de fevereiro de 1809, escreveu:

“O fato de Isaac Newton ter sido superior a outros indivíduos, em termos de inteligência, não o tornou senhor das propriedades, nem das pessoas deles”

“Os animais não são máquinas cartesianas. São seres sencientes”

Especialmente nas últimas décadas, muitos são os trabalhos em neurociência, em etologia, em fisiologia e em outros ramos do conhecimento, demonstrativos de que os animais não são máquinas insensíveis mas, são seres sencientes (Jeremy Bentham, *Introdução to the Principles of Moral and Legislation*, 1780, cap.17), ou seja, que tem a capacidade de “sentir”, de ter sensações, tanto

de alegria, prazer, bem-estar, conforto e felicidade, quanto de dor, sofrimento, medo, ansiedade e pânico.

Richard Serjeant, em *The Spectrum of Pain (O Espectro da Dor)*, Londres:Hart Davis, 1969, p.72, comenta:

“Cada mínima evidência dos fatos apóia o argumento de que os mamíferos, vertebrados superiores, têm sensações de dor pelo menos tão intensas quanto as nossas... seu sistema nervoso é praticamente igual ao nosso e suas reações à dor, extraordinariamente semelhantes...”

Na Grã Bretanha, três diferentes comitês governamentais de especialistas em assuntos relacionados a animais - *Committee on Cruelty to Wild Animals* (Comand Paper 8266, 1951, parágrafos 36-42), do *committee on experiments on Animals* (Comand Paper 2641, 1965, parágrafos 179-182) e do *Tecnicical Committee to Inquire into the Welfare Animals Kept under Intensive Livestock Husbandry Systems* (Comand Paper 2836, 1965, parágrafos 26-28) - aceitaram essa conclusão de que os animais sentem dor.

Após observarem claras evidências comportamentais apoiando esse ponto de vista, os membros do *Committee on Cruelty to Wild Animals* afirmaram:

“...Acreditamos que as provas fisiológicas e, mais especificamente, as anatômicas justificam plenamente e reforçam a crença, baseada no senso comum, de que os animais sentem dor”.

Os animais sofrem dores físicas e sofrem mentalmente

Os animais não sofrem apenas dores físicas, resultantes de lesões em tecidos e órgãos de seu corpo. Sofrem também mentalmente, psiquicamente, mediante a vivência de sensações de medo, solidão, ansiedade, perseguição, pânico e outras.

Os próprios membros do *Committee on Cruelty to Wild Animals* (Comand Paper 8266, 1951, parágrafos 36-42), do *Committee on Experiments on Animals* (Comand Paper 2641, 1965, parágrafos 179-182) e do *Tecnicical Committee to Inquire into the Welfare Animals Kept under Intensive Livestock Husbandry Systems* (Comand Paper 2836, 1965, parágrafos 26-28) passaram também à consideração de outras formas de sofrimento dos animais, além da mera dor física, e terminaram acrescentando que estavam “convencidos de que os animais sofrem, de fato, medo intenso e terror” .

Nas últimas décadas, a publicação de estudos científicos com títulos como “*Animal Thought (Pensamento Animal)*, Stephen Walker, Londres: Routledge and Kegan Paul, 1983), *Animal Thinking (O Pensar dos Animais)*, Donald Griffin, Cambridge: Harvard University Press, 1984) e *Animal Suffering: The Science of Animal Welfare (Sofrimento Animal: A Ciência do Bem-Estar Animal)*, Marian

Stamp Dawkins, Londres: Chapman and Hall, 1980) tornaram claro que a consciência dos animais não-humanos é agora levada a sério, sendo aceita como tema para investigação.

Os trabalhos científicos atuais sobre ocorrência de estresse, em animais, são concordantes quanto às conseqüências desastrosas, de ordem física e mental, que incidem sobre esses animais. Citamos, a exemplo, o trabalho de K. MALINOWSKI, "Stress Management for Equine Athletes. Rutgers Cooperative Extension, FS716, 1993. Embora tenham sido focalizados eqüinos, podemos entender que os conceitos apreendidos nessa pesquisa podem ser aplicados também a outras espécies, inclusive aos bovinos, foco de nosso interesse, no momento. Para esse autor, quando o animal está estressado, há ativação do sistema nervoso simpático, o que potencializa a liberação de catecolaminas, epinefrina e norepinefrina, com conseqüente aumento da frequência cardíaca, da pressão sangüínea e da frequência respiratória. Com a continuidade do estímulo estressor, há ainda ativação do eixo hipotálamo-hipófise-adrenal, o que resulta na liberação de glicocorticóides da glândula adrenal, que aceleram o metabolismo da glicose a fim de prover energia para que o animal consiga escapar da situação de estresse. Embora os glicocorticóides sejam benéficos para que o animal enfrente o estresse, a subseqüente liberação destes hormônios implica em condições prejudiciais, que incluem comportamento agressivo, diminuição do crescimento, diminuição da capacidade reprodutiva, aumento da ocorrência de distúrbios gastrointestinais e imunodepressão. A imunodepressão, como é de conhecimento, mesmo popular, implica na diminuição ou perda da capacidade do organismo de se defender contra a invasão de agentes infecciosos, como vírus, bactérias e fungos, causadores de inúmeras morbidades.

Em outras palavras, um organismo submetido a estresse não sofre física e mentalmente apenas no momento do estresse mas fica por assim dizer, "marcado" para sofrer uma série de danosas conseqüências tardias, a médio e a longo prazos. Assim, não é difícil de se imaginar a situação orgânica e mental de um bovino que é utilizado e reutilizado inúmeras vezes, nos treinamentos e provas de vaquejada.

De acordo com o que a médica veterinária Mônica Cristina Zandoná Meleiro, demonstrou em sua tese e doutorado na Universidade de São Paulo em 2006, os eqüinos submetidos á situações de estresse, mesmo que de curto prazo tem comprometido o seu sistema de defesa apresentando alterações em células como neutrófilos e linfócitos, sendo que as primeiras apresentaram-se aumentadas assim como os níveis séricos de cortisol imediatamente após as provas de corrida de curta e intensa duração a que foram submetidos, denotando a integração dos sistemas neuroendócrino e imune. Embora os dados apontados na tese digam respeito a eqüinos o principio da homologia, entre as espécies bovinas e eqüina quanto ao sistema imune e neuronal entre outros, nos possibilita incluir aqui estes importantes conceitos, observações e conclusões.

Irvênia L.S. Prada, médica veterinária, docente na Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de São Paulo, assim se expressa a respeito da mente dos animais, no livro "*A Alma dos Animais*", Ed. Mantiqueira, 1997:

“Os transdutores cerebrais no homem e nos animais (Sistema Límbico e Área Pré-Frontal)...o sistema límbico atua como transdutor, comprometido com a manifestação das chamadas emoções primárias ou ‘instintivas’, enquanto outras áreas cerebrais de aquisição evolutiva mais recente, como a área pré-frontal, mostram-se implicadas com funções mentais de outra natureza, tais sejam o livre arbítrio, a capacidade de aprendizado, a elaboração de estratégias, a iniciativa, etc. ...a área pré-frontal encontra-se presente não apenas no homem, mas também em outros mamíferos... se para o homem, está bem caracterizado o papel da área pré-frontal como mediadora de funções mentais e, por outro lado, se essa área também existe no cérebro de animais, embora em menor representação, isso é sugestivo de que esses animais tem igualmente funções mentais... Aliás, é bem conhecida, clinicamente, a repercussão neurológica de lesões da área pré-frontal em cães, gatos, cavalos, macacos, etc. Quando ocorrem lesões com essa localização, os animais mostram, como sintomas, as chamadas alterações de comportamento e de personalidade. Assim, tornam-se dementes, alheios aos estímulos do meio, não reconhecem mais as pessoas, perdem-se em lugares distantes, batem a cabeça contra obstáculos e, por vezes, põem-se a andar compulsivamente, até a exaustão. Sintomas semelhantes podem ser evidenciados em animais estressados, sejam abandonados, maltratados, amedrontados, acuados ou aprisionados.”

Jeremy Bentham , em *Introdution to the Principies of Moral and Legislation*, 1780, cap.17, escreveu:

“Talvez chegue o dia em que o restante da criação animal venha a adquirir os direitos que jamais poderiam ter-lhe sido negados, a não ser pela mão da tirania. Os franceses já descobriram que o escuro da pele não é razão para que um ser humano seja irremediavelmente abandonado aos caprichos de um torturador (Bentham referia-se ao fato de escravos negros terem sido libertados pelos franceses). É possível que um dia se reconheça que o número de pernas, a vilosidade da pele ou a terminação do osso sacro são razões igualmente insuficientes para abandonar um ser senciente ao mesmo destino. O que mais deveria traçar a linha intransponível? A faculdade da razão ou, talvez, a capacidade da linguagem? Mas um cavalo ou um cão adultos são incomparavelmente mais racionais e comunicativos do que um bebê de um dia, de uma semana ou até mesmo de um mês. Supondo, porém, que as coisas não fossem assim, que importância teria tal fato? A questão não é ‘Eles são capazes de raciocinar?’, nem ‘São capazes de falar?’, mas, sim: ‘Eles são capazes de sofrer?’”.

Conclusões Finais:

Do que foi exposto, concluímos que os bovinos utilizados nos treinamentos e nas provas de vaquejada tem estrutura física, organização neuro-sensorial e dimensão psíquica (mental) compatíveis com a vivência de dor/sofrimento ao

serem submetidos às condições em que essas provas são realizadas e, ainda, às condições em que os repetitivos treinamentos acontecem.

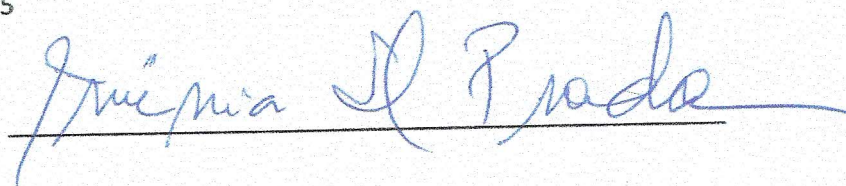
Assim, concluímos também que todos os procedimentos que os peões impõem aos bovinos, nas Provas de Vaquejada, são abusivas tanto em relação à integridade e à saúde do corpo físico desses animais, quanto em relação à sua estrutura mental ou psíquica, uma vez que estes animais, são expostos, na arena, a perseguição e maus tratos.

Se, de uma parte, nesse espetáculo deprimente, vemos animais, sendo subjugados e submetidos ao arbítrio de insensíveis, por outro lado desejamos e confiamos que os seres humanos hoje responsáveis por esses acontecimentos despertem seus sentimentos para a realidade de que a missão dos “superiores” – se assim nos consideramos – é a de proteger e auxiliar esses seres que não estão à nossa disposição, mas que merecem ser respeitados em sua capacidade de fruírem dor/sofrimento e em seu direito natural à integridade física/mental e em seu direito natural à própria vida..

Essa é a forma de dignidade que, segundo nosso desejo, um dia a humanidade irá conquistar e, portanto, merecer.

Conclusão Final - Face à avaliação técnica efetuada, cujos dados constam do texto, é nosso **PARECER CONTRÁRIO** à realização das Provas de Vaquejada.

São Paulo, 14 de agosto de 2015



Profa. Dra. Irvenia Luiza de Santis Prada

Médica Veterinária – CRMV – SP 0525

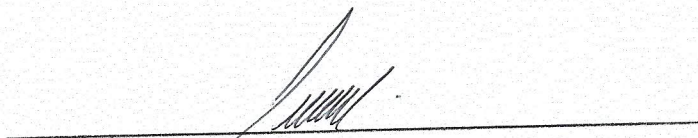
Profa. Titular (aposentada) – FMVZ – USP

Professora emérita – USP

Membro da APAMVET - Academia Paulista de Medicina Veterinária – cadeira no. 21

Autora do livro acadêmico “Neuroanatomia Funcional em Medicina Veterinária. Com correlações clínicas” – Editora Terra Molhada, 2014

Idealizadora e coordenadora do MEDVESP – Movimento Cultural de Medicina Veterinária e Espiritualidade junto à FMVZ – USP, desde 2010



Dra. Vania Plaza Nunes

Médica Veterinária – CRMV – SP 4.119

Especialista em Vigilância Sanitária pela UNICAMP

Especialista em Saúde Ambiental pela UNICAMP

Especialista em Ecologia e Educação Ambiental pela UNICAMP

Especialista em Bem – Estar Animal pela E. Learn Cambridge - UK